

JORNAL: JORNAL DE LETRAS LOCAL: GUANABARA

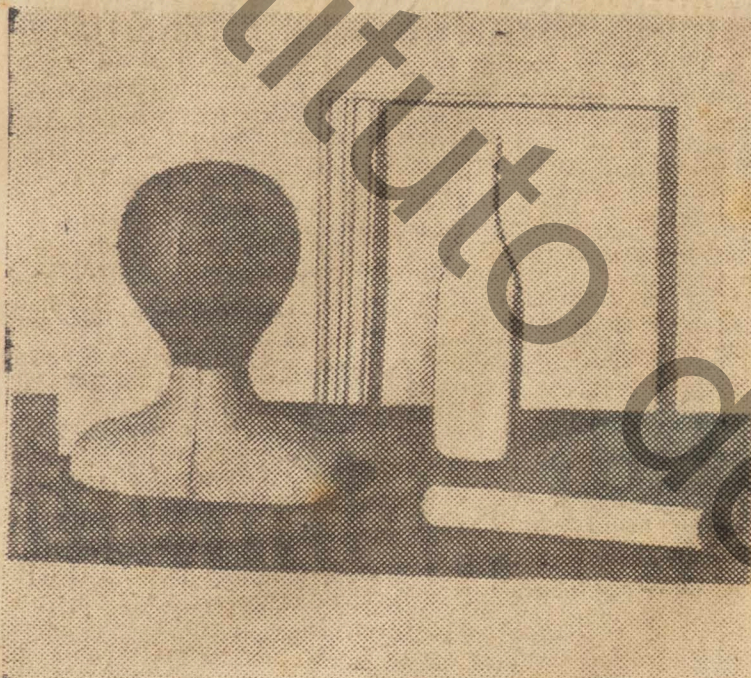
DATA: 1/1/1957 AUTOR: FLÁVIO DE AQUINO

TÍTULO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IV BIENAL

ASSUNTO: IV BIENAL DE SP. F. AQUINO: IVAN "A MAIS BELA

OBRA CONCRETISTA DA BIENAL

ARTES PLÁSTICAS



GIORGIO MORANDI (Itália) — Grande natureza morta metafísica, 1918. Col. Emilio Jesi, Milão

A IV Bienal de São Paulo, sob certos aspectos, é inferior às duas Bienais anteriores, sem entretanto deixar de ser um certame de primeira qualidade. Explicamos melhor. Não tem esta Bienal envios da importância da II e III, onde apareciam retrospectivas do cubismo, do futurismo, de Picasso, Henry Moore, Alfred Kubin, Munch, Henri Laurens, Max Bechmann, Fernad Leger, Andre Derain, Marino Marini, etc. A esses ela contrapõe Marc Chagall, Jackson Pollock, Paul Delvaux, René Magritte, Ben Nicholson, Giorgio Morandi, Lasar Segall, Jorge Oteiza, Victor Bre-

Trocadilhos

DESDE que obtive o Prêmio Vioreggio, em 1949, a esposa do grande romancista italiano Alberto Moravia fez, com os seus admiradores que ia deixar de escrever. Mas tal não se deu, e no fim de sete anos, Eise Moravia acaba de fazer uma brilhante "rentrée" com o livro "Isola di Arturo". No decurso de uma reunião literária, Giacomo Debenetti e Carlo Levi tomaram um dos primeiros exemplares desse romance e cobriram-no de desenhos. Carlo Levi manifestou o seu entusiasmo, dizendo à autora:

— Eu illustro o seu livro, mas é a senhora que me honra.

A frase não agradou Moravia, que replicou:

— Não gosto dos maus trocadilhos.

cheret, a Bauhaus e os "40.000 anos de vidro". É realmente algo impressionante, mas devemos também levar em consideração que com exceção de Chagall, Pollock, Ben Nicholson, Morandi, Segall e os "4.000 anos de vidro", os demais ou estão muito desfalcados, como é o caso da Bauhaus, ou então, ao menos para o nosso gosto, não são artistas de grande relevo.

No entanto, onde a diferença se acentua é nas salas gerais, nos envios coletivos dos países, principalmente no que diz respeito à França e à Itália, a grande força

EVOCANDO HERRIOT

JOVEM professor em Lyon, Edouard Herriot — há pouco falecido — esteve em via de compôr juntamente com o criminalista Lacassagne um "Dicionário de argot". "O "argot" — dizia êle — não prima pelo ortografia, mas que estilo".

Muito tolerante, costumava êle ponderar: "— A tolerância não deve ser resignação, mas amor". Tinha frases de extraordinária profundidade. Esta, por exemplo: "— Não basta ser um grande homem. É preciso o ser no momento necessário".

Aos amigos que lhe participavam as dificuldades com que lutavam a fim de levantar fundos para um jornal, não hesitou êle em responder, com um mau trocadilho: "— É difícil obter capitais; entretanto, isso é capital".

Algumas Considerações Sobre a IV Bienal

Flávio de AQUINO

das Bienais passadas. Ambos países, além dos envios especiais, mandavam sempre salas gerais onde se encontravam artistas de primeiro plano, tais como Manessier, Bazaine, Hartung, Vieira da Silva, Piaubert, Germaine Richier, Laurens, Schneider, Campigli, Magnelli, Corpora, Minguzzi, Mirko, Consagra, etc. Desta vez, no envio coletivo da França destacam-se apenas Kupka e Uzac e um belo tapete de Le Corbusier e na Itália, com exceção do veterano Gino Severini e do jovem Giovanni Dova, os demais não a representam muito bem.

Além daqueles já citados como sendo a força desta Bienal, acrescentamos ainda um artista para nós desconhecido, o gravador japonês Kaoru Yamaguchi. São êsses que justificam plenamente uma ida a São Paulo e uma interminável caminhada pelos 12 quilômetros do pavilhão das Indústrias no Parque Ibirapuera.

Além disso, poderíamos acrescentar ainda alguns artistas isolados no meio das representações, entre êles Lyonel Feininger, Kandinsky e Paul Klee que, apesar das poucas e não muito características obras escolhidas, destacam-se na sala da Bauhaus, movimento cuja importância merecia ser mais congnadamente representado. Desejamos ainda notar os escultores Fritz Wotruba (Áustria) e Lynn Chadwick (Grã-Bretanha), o desenhista Nemésio Antunez (Chile), o pintor guatemalteco Carlos Merida e os brasileiros Ivan Serpa (para nós a mais bela obra concretista da Bienal), Milton Dacosta, Franz Krajcberg e Fay-

ga Ostrower, a êsses nossos patricios damos um nível internacional.

Falemos agora das premiações. É evidente que o Prêmio São Paulo, maior premiação da Bienal, ficaria limitado entre Chagall, Ben Nicholson e Morandi. Qualquer dos três que o tivesse conseguido seria justo e nada se poderia alegar contra. São pintores de diferentes tendências, mas de igual importância no que diz respeito à pintura; no que diz respeito à importância histórica Chagall tinha a primazia. Mas o prêmio era a pintura em si e tirou-o Morandi, assim como poderia ter tirado qualquer um dos dois outros. Alguns críticos de arte brasileiros e principalmente alguns artistas e escritores não especializados em crítica artística protestaram com maior ou menor violência contra o prêmio de Morandi. Preferiam Chagall, artista mais acessível à narrativa, que permite mais facilmente a descrição literária. A sóbria e sutil beleza das telas de Morandi é mais inacessível aos que procuram na pintura uma extensão literária, uma narrativa paralela. Chamaram Morandi de "petit maitre", sugerindo que êle se limitava aos pequenos temas, à natureza morta, à paisagem sem grandiloquência e com isso demonstraram apenas que ainda fazem as velhas distinções do academismo dos séculos XVIII e XIX, onde toda a glória ia para a oratória "difícil" dos pintores de temas religiosos e históricos e toda a irônica compaixão para os "mediocres" Chardin, Corot, Manet, Monet, Cezanne, etc., que apenas tinham uma "petite sensation".

Os literatos talvez tenham razão, mas os pintores e principalmente os críticos de arte, não, pois eles têm o dever de julgar a pintura como uma arte autônoma, como uma arte que tem linguagem e meios próprios, tanto como a poesia, a música ou a literatura.

Não só o prêmio concedido a Morandi como os demais prêmios maiores conferidos a Ben Nicholson (pintura estrangeira), Oteiza (escultura estrangeira), Hamagu-



chi (gravura estrangeira), Franz Krajcberg (pintura nacional), Franz Weissman (escultura nacional), Fayga Ostrower (gravura nacional), Fernando Lemos e Wega (desenho nacional), achamos perfeitamente justos, e achamos mesmo que de todos os juris de premiação das Bienais paulistas, no conjunto da premiação, foi êste o que mais acertou.

Como atração da Bienal temos também a formidável coleção particular do sr. Ernesto Wolf que se apresenta sob a denominação de "4.000 anos de vidro". Nesta mostra da mais fina qualidade há peças excepcionais, entre as quais se destacam os vidros egípcios, gregos, venezianos e alemães.

Uma referência especial a fazer é sobre a retrospectiva de Lasar Segall, cujas obras foram muito bem selecionadas. Esta exposição prova definitivamente, pelo confronto que permite, que Segall era um artista de nível internacional, capaz de competir ao lado de Chagall, Morandi e Ben Nicholson. Se êle fosse vivo o Prêmio São Paulo teria um sério quarto candidato. Comparado com os outros expressionistas a le mães presentes no grupo da Bauhaus, vemos que o nosso pintor, pela sua força concentrada, pela sua originalidade e capacidade de converter os dramas humanos em linguagem plástica, foi bem superior a um Feininger ou a um Oskar Schlemmer, artistas que ao lado de Paul Klee e Kandinsky fizeram a glória do movimento.

A seção brasileira, mesmo se lamentarmos a ausência de alguns dos nossos mais representativos artistas, é das melhores da Bienal. Há uma unidade evidente entre os nossos artistas da nova geração, unidade que transparece não através da orientação estética de cada um (figurativa, concretista, abstrata), e sim pela sua maturidade, pela consciência do que é pintura e do que é gravura, uma vez a nossa seção de escultura, se excetuarmos Franz Weissmann, Zélia Salgado e José Pedrosa, é quase inexistente.

Achamos que agota o momento de se manifestarem os que tão violentamente censuraram o júri de seleção desta Bienal. Que as nossas falhas sejam apontadas e a nossa pretendida parcialidade em favor do concretismo seja documentada. Quanto a nós, que



4.000 anos de vidro — Frase que vidro colorido; Egito, séc. São P

fizemos parte deste júri, após novamente vermos a seleção feita e a compararmos com as demais da Bienal, mais uma vez desejamos afirmar que, salvo pequenos erros, estamos satisfeitos com o nosso trabalho e que gostamos sem restrições das obras aprovadas de um Ivan Serpa, de um Aluizio Carvão, Maurício Lima, Milton Dacosta, Fayga Ostrower, We-

"FLAG"

EM TÓDAS AS LIV
Roman
ARMINDO
2.ª EDIÇÃO, REVIS
ILUSTRAÇÕES
PREFÁCIO DE I
Edições O C

Um romance vigoroso, intensidade dramática, e um te realidade brasileira.

Sobre esta obra escreve TEIXEIRA:

"A obra deste estranho r sensibilidade para senti-la. tes captados no lado trágico coisas e dos acontecimentos nhuma concessão ao pistores poderiam atra-lo e atrair Armindo Pereira o faz com gravador que, em branco e um mundo... estranho cria onde não se exclui por vezes, isso sem a utilização de poesia periférica, capaz de classe do público". Maria de